Grande mídia *versus* mídia alternativa: uma análise da qualidade das publicações em cibermeios a partir da cobertura da greve geral de 28 de abril[1]

Carlos Eduardo Bertin[2]
Tássia Aguiar de Souza[3]
Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, SP

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo analisar o aproveitamento das ferramentas de análise para as boas práticas do jornalismo (hipertextualidade, multimidialidade e interatividade) nas publicações em cibermeio na cobertura da greve geral do dia 28 de abril de 2017 pelo portal R7 e pelo site do Jornalistas Livres. Resulta desta pesquisa a reflexão de que os dois veículos ainda podem aperfeiçoar largamente suas práticas no ambiente digital para ampliar a qualidade das notícias que circulam no cibermeio.

Palavras-chave: Ciberjornalismo; Grande mídia; Greve geral; Mídia alternativa.

Introdução

Este artigo é resultado da pesquisa que trata da análise sobre a qualidade das publicações jornalísticas em cibermeio durante a cobertura da greve geral do dia 28 de abril de 2017 contra a reforma trabalhista no Brasil, e teve origem na disciplina Práticas Jornalísticas na Contemporaneidade no curso de mestrado do programa de pós-graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo, sob orientação da Profa. Dra. Marli do Santos.

Como metodologia, utilizamos a análise de conteúdo, a partir das contribuições de Bardin (1977), e como referencial teórico a classificação de Manuel Chaparro (1998) para gêneros jornalísticos e Nilson Lage (2003) pra fontes.

Para uma análise minuciosa do desempenho de ambos os tipos de mídia, examinamos os recursos utilizados pelos dois veículos, a partir da "caixa de ferramentas"

[1] Trabalho apresentado no GP Conteúdos Digitais e Convergências Tecnológicas, XVII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do 40° Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

[2] Jornalista e mestrando em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo e bolsista pela Capes. E-mail: dudsbertin@gmail.com

[3] Jornalista e mestranda em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo e bolsista pela Capes. E-mail: tassiaguiar@gmail.com

organizada por Marcos Palacios (2011) para análise da qualidade de publicações no cibermeio. Nesta publicação, o autor reuniu trabalhos de pesquisadores brasileiros e espanhóis sobre a elaboração de ferramentas direcionadas para a mensuração e avaliação de várias características específicas dos produtos jornalísticos formatados para a internet. A proposta desses pesquisadores que integraram o Convênio Capes/DGU 140/07, em sua segunda fase de funcionamento, entre 2009 e 2010, foi

> produzir instrumentos capazes de avaliar variáveis e movimentos mais específicos, que levassem em conta os avanços e desdobramentos pelos quais vem passando a produção ciberjornalística, especialmente após a difusão e generalização do uso da Banda Larga. Conhecíamos, de antemão, as dificuldades a que nos lançávamos. Discutir e avaliar Qualidade é uma tarefa das mais resvaladiças, envolta em infindáveis problemas conceituais e escolhas mais ou menos arbitrárias de parâmetros de análise. (PALACIOS, 2011, p. 8)

A partir das nove ferramentas disponibilizadas por Palacios, selecionamos três de suma importância em ciberjornalismo para a análise da cobertura da greve nos veículos online: "Ferramenta para Análise de **Hipertextualidade** em Cibermeios"; "Ferramenta para Análise de **Interatividade** em Cibermeios"; e "Ferramenta para Análise de **Multimidialidade** em Cibermeios". Durante o levantamento dos dados e aplicação das fichas, sentimos a necessidade de modificar alguns tópicos, excluir e/ou acrescentar outros. Além disso, elaboramos[4] uma quarta ferramenta de análise, a de **Conteúdo**, em que buscamos contemplar os elementos de apuração e gêneros.

Para a análise da cobertura do portal R7 sobre a greve geral contra a reforma trabalhista, foi necessário recorrermos à linha do tempo do facebook, onde todas as notícias do veículo são compartilhadas, devido à falta de um recurso de busca de conteúdo por data no portal e, para tanto, utilizamos as seguintes palavras-chave para localizar as notícias: greve; 28 de abril; paralisação. Levantamos dessa forma, 8 publicações do dia 28 de abril. Já as 10 publicações analisadas do Jornalistas Livres foram levantadas a partir da busca por palavra-chave ("greve geral") no próprio site. Nesse último caso, ampliamos a amostra para os dias 27 e 29 para formarmos um corpus mais consistente, uma vez que apenas 5 publicações resultaram do dia 28 de abril.

[4] A ficha foi elaborada na disciplina Práticas Jornalísticas na Contemporaneidade, durante o primeiro semestre de 2017, no curso de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo, coordenada pela Profa. Dra. Marli dos Santos.

Com este trabalho esperamos contribuir com os estudos das novas práticas jornalísticas empreendidas pelo crescente avanço tecnológico, que ganha relevância no cenário de crise política no país com a disseminação irrefreada de informações na grande mídia e na mídia alternativa, sobretudo no ambiente digital, com suas fartas possibilidades de interação com o usuário.

Grande mídia e portal R7

O portal R7, pertencente ao Grupo Record, foi lançado em 27 de setembro de 2009 e possui, hoje, um alcance de 63% dos internautas brasileiros com perfil de homens e mulheres em idades entre 13 -19 e 33-60 anos, segundo o departamento comercial do veículo. O grupo, que tem sua origem na Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), consolidou-se como um dos maiores conglomerados nacionais de mídia, presente em 94% do território nacional com 108 emissoras distribuídas por todo o país.

Jornalistas Livres e mídia alternativa

Hoje, diversas redes de colaboradores e jornalistas se organizam para produzir conteúdos, entre elas a Rede Jornalistas Livres, que surgiu em 12 de março de 2015, visando produzir uma narrativa que servisse de contraponto à mídia hegemônica nas manifestações a favor e contra o impeachment da então presidente Dilma Roussef. Segundo o grupo, ela nasce da "necessidade urgente de enfrentar a escalada da narrativa do ódio, antidemocrática e de permanente desrespeito aos direitos humanos e sociais, em grande parte apoiada pela mídia tradicional" (JORNALISTAS LIVRES/SA). Desde então, os Jornalistas Livres atuam na cobertura de fatos noticiosos, manifestações políticas e na defesa dos direitos humanos e luta contra a desigualdade social, racial e de gênero.

Sendo o Jornalistas Livres um representante da mídia alternativa, acreditamos ser necessário uma conceituação do termo mídia alternativa.

Conforme explica Peruzzo (2009), a expressão comunicação alternativa, típica dos anos 1960 aos 1980, surgiu para caracterizar a imprensa não alinhada ao regime militar no Brasil. Naquele contexto, vários veículos de imprensa se alinhavam ao pensamento do governo ou eram forçados a seguir a mesma opção político-ideológico sob força de censura. A imprensa alternativa era representada por jornais como Pasquim (1969), Posição (1969), Opinião (1972), De Fato (1975), Extra (1984), entre outros, que buscavam criticar a realidade

e informar a população sobre temas de interesse nacional. Em uma reformulação do conceito de jornalismo alternativo, Peruzzo argumenta que "o que caracteriza o jornalismo como alternativo é o fato de representar uma opção enquanto fonte de informação, pelo conteúdo que oferece e pelo tipo de abordagem" (2009, p.54). Assim sendo, novos grupos produtores de informação se inserem no conceito de jornalismo alternativo, pois trazem como proposta uma narrativa contra-hegemônica à mídia tradicional. Como exemplos recentes, temos os Jornalistas Livres, Mídia Ninja, Revista Fórum, entre outros.

Podemos destacar as semelhanças do jornalismo alternativo dos anos da ditadura militar com o dos dias atuais, em que ambos foram/são produzidos com o objetivo de contrapor o governo. Porém, com o advento da internet e fácil acesso à comunicação e aos dispositivos móveis, hoje, qualquer pessoa pode produzir notícias, diferente dos anos 80 em que apenas jornalistas e intelectuais podiam produzir conteúdo.

Análise da grande mídia e da mídia alternativa na greve geral

Para facilitar o processo de transcrição das análises, renomeamos os títulos das matérias, conforme tabelas abaixo.

Tabela 1_Publicações do Portal R7

Título Original da Publicação	Renomeação
Acompanhe as manifestações contra o governo federal e a greve geral pelo país	R7_1
Greve geral atrapalha transportes e trava principais cidades do País. Veja fotos	R7_2
Protestos interditam rodovias em ao menos seis Estados e no DF	R7_3
Enquete: Você é a favor ou contra a greve? Vote!	R7_4
Diagnóstico atual do Planalto é de baixa adesão aos protestos	R7_5
Saiba os direitos de quem perdeu compromissos por causa da greve	R7_6
Greve: o que é, como funciona e os principais atos na história do Brasil	R7_7
Os petistas perderam mais uma vez. A greve foi um fracasso	R7_8

Tabela 2_Publicações do site Jornalistas Livres

Título Original da Publicação	Renomeação
Ministério Público do Trabalho defende Greve Geral	JL_1
Juristas Feministas se posicionam pela Greve Geral	JL_2
O País está parado! Viva a Greve Geral!	JL_3
De braços cruzados: metroviários contra o fim da aposentadoria e	JL_4

da CLT	
Greve geral de 1917 foi sangrenta e vitoriosa	JL_5
Na mídia oficial, a verdade entrou em greve	JL_6
Greve geral: Nada será como antes	JL_7
A Greve Geral das 00h às 05h	JL_8
USP na greve geral de 28 de abril	JL_9
A greve geral de 2017 e o dia seguinte da esquerda	JL_10

Análise de Interatividade

Com a emergência da internet e a presença cada vez maior da mídia alternativa no ciberespaço, torna-se imprescindível que os veículos tradicionais de mídia se adaptem às novas práticas de comunicação. Nesse sentido, uma das principais características do jornalismo digital, a interatividade, torna-se um recurso indispensável nesse processo de adequação a um público mais participativo. Porém, o processo de transformação de audiências em comunidades não depende apenas da abertura de canais de retorno do receptor para o emissor, segundo Canavilhas (2010, p.7):

> Para além das questões técnicas, a existência de uma comunidade implica a existência de algum tipo de relação horizontal entre receptores que reforce os laços que os unem: "a comunidade virtual parece enfatizar uma comunidade de interesses relacionada com o assunto em discussão que pode conduzir ao fortalecimento do espírito comunitário" (Correia, 2002, 4). Não se trata apenas da passagem do sistema de "um para muitos" para outro "de muitos para um": é preciso que exista também a alternativa "de muitos para muitos".

Na ficha de análise proposta por Palacios para a interatividade, foram contemplados os seguintes quesitos: participação cidadã, enquetes, promoções, fóruns, comentários, avaliação das notícias, chats, blogs, consultórios, envio de fotografias e vídeos, contato com a redação, relação do usuário com a interface e acessibilidade.

Sobre a participação cidadã, observamos, no portal R7, que em cinco janelas das oito publicações analisadas é possível o envio de vídeos a partir de um registro simples na página, o que, segundo MALINI (2008, p. 11), é uma forma de "trazer os conteúdos circunscritos a blogs e sites independentes, que, com freqüência, gera audiência e complementa as informações dos jornais online. Além disso, dá mais capilaridade a estes, tornando-os ainda mais local".

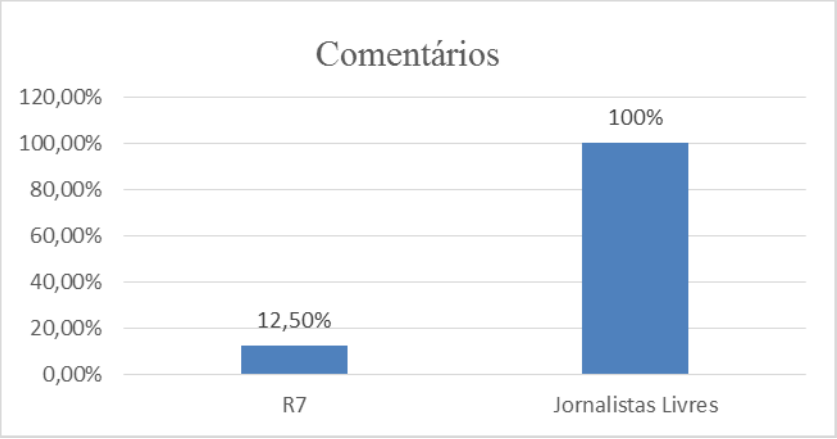
Porém, chama a atenção, a ausência de fóruns e comentários no veículo representante da grande mídia – apenas a publicação R7_8, de espécie coluna, possui espaço para

comentários. Além disso, não há a possibilidade de avaliação da notícia, contato com a redação, registro para recebimento de newsletter, chats, consultórios ou blogs de usuários.

Já no veículo representante da mídia alternativa, apesar de permitir que os usuários comentem as publicações, não há espaço para fóruns, enquetes, consultórios, correção das notícias, cadastro para receber newsletter e ver as estatísticas das notícias. Como também não é possível interagir por meio de chats, videochats e enviar vídeos e fotografias.

O site também não oferece e-mails aos usuários, blogs, nem as possibilidades de hierarquizar, votar e modificar as notícias. Identificamos ainda que, nas janelas em que abrimos as notícias, é oferecida a opção de recebimento de feeds, porém, o link está desativado.

Sobre os comentários, é possível a interação com o usuário, porém, é necessário que o mesmo realize um registro e identifique-se para comentar a notícia. Não identificamos a opção para denunciar, votar a favor ou contra os comentários. Também não existe uma moderação prévia ao que é escrito pelos usuários.



O leitor que acessa as publicações do Jornalistas Livres pode imprimir a notícia e enviar para outras pessoas por e-mail ou compartilhar pelas redes sociais. Identificamos dez recursos em que o usuário pode compartilhar as notícias, sendo eles: Twitter, E-mail, Pocket, Facebook, Tumblr, LinkedIn, Google +, Skype, Reddit, Pinterest.

Análise de Hipertextualidade

"São os links hipertextuais que estruturam, organizam e apresentam o grande volume de informações que pode passar a integrar a narrativa do fato jornalístico num cibermeio".

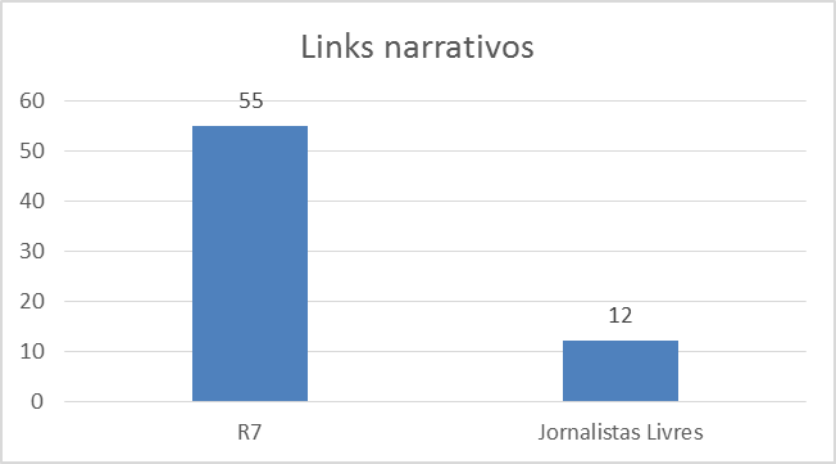
Assim Barbosa e Mielniczuk (2011) introduzem o capítulo de análise de hipertextualidade de cibermeios. Nessa etapa são averiguados o lugar dos links narrativos (que integram a narrativa do fato jornalístico), onde abrem, a existência de publicidade, tags e marcadores, links para recursos multimídia e links para interatividade.

Os links narrativos podem ser disjuntivos e conjuntivos, "no primeiro tipo o conteúdo aparece na mesma janela do navegador, a janela permanece, muda o conteúdo. No segundo tipo o conteúdo abre em uma segunda janela (ao estilo pop up, mas não necessariamente em tamanho menor)" (BARBOSA; MIELNICZUK In PALACIOS, 2011, p.38).

A análise sobre os dois veículos aponta para uma inexpressiva apropriação de links narrativos no corpo do texto. Porém, apesar de apenas 2 publicações no portal R7 (R7_1 e R7_7) utilizarem o recurso, temos a publicação R7_1 com alta taxa de aproveitamento: contabilizamos 10 links narrativos no corpo do texto (encrustados/embeded) e 44 links de vídeos e publicações no twitter entre os nodos dessa matéria.

Contabilizamos ainda a forte presença de links publicitários nas publicações: 7 de 8 apresentam algum anunciante – padrão esperado para um veículo da grande mídia. Estes links são conjuntivos (abrem em nova janela), enquanto os links narrativos são disjuntivos (abrem na mesma janela).

Conforme antecipamos, as publicações do Jornalistas Livres também fazem pouco uso da hipertextualidade: apenas uma matéria (JL_9) faz uso de hiperlink, são 12 links que direcionam para fotografias das manifestações. Importante frisar que o campo destinado às "últimas notícias", não se limita à seção que se está consultando e as publicações elencadas não estão relacionadas à greve geral. As matérias relacionadas à greve estão situadas abaixo do corpo do texto, porém, em alguns casos, aparecem notícias relacionadas a outros assuntos e de outras editorias. Destacamos também que é possível recuperar as notícias no site por meio das "tags", recurso que só aparece em 2 das 8 publicações do R7 (R7_6 e R7_7).



Análise de Multimidialidade

Tendemos a acreditar que o termo multimídia se define apenas na combinação de textos, sons e imagens, porém, seu conceito é muito mais amplo. Salaverría (2014) sublinha três significações consideradas como principais para conceituar o que é multimídia. São elas: como multiplataforma, como polivalência e como combinação de linguagens.

Como multiplataforma, o autor designa os casos em que distintos meios da mesma empresa jornalística coordenam as suas respectivas estratégias editoriais e/ou comerciais para conseguir um melhor resultado conjunto.

A definição de polivalência se divide em três tipos: polivalência midiática (em que o jornalista trabalha para diversos meios), polivalência temática (em que o jornalista trabalha sem nenhuma especialização informativa) e polivalência (em que o jornalista desempenha várias funções dentro da redação).

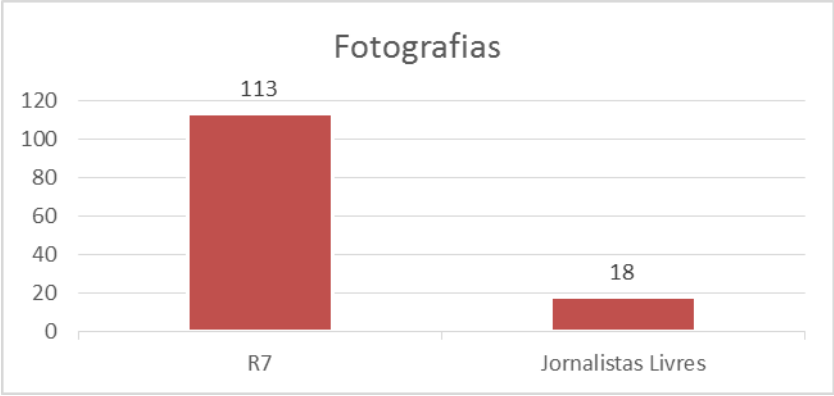
E a definição de multimidialidade se caracteriza, segundo Salaverría, como a combinação de pelo menos dois tipos de linguagem em uma mensagem. Partimos então para o manual de Marcos Palacios para ciberjornalismo, em que a ferramenta de análise de multimidialidade contempla a presença e configuração de fotografias, vídeos e infográficos nas publicações.

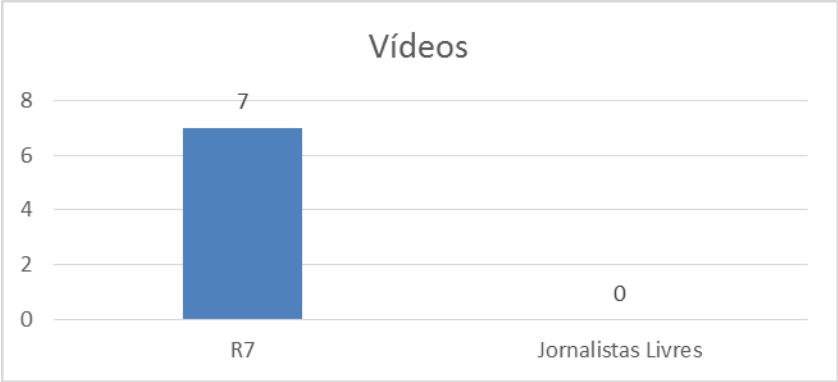
Durante a aplicação da ferramenta nos veículos aqui tratados, identificamos uma grande discrepância entre os dois. Apenas duas publicações do portal R7 não apresentam recursos multimídia: R7_3 e R7_8. Entre as demais, temos um total de 113 fotografias[5], 7 vídeos e nenhum infográfico. Destas 113 fotografias, 108 estão concentradas em apenas duas

[5] Classificamos como fotografia durante a análise, capturas de tela de publicações no twitter e de vídeos.

publicações (R7_1 e R7_2), uma delas trata-se de uma galeria de fotos dos protestos pelo país, com recurso textual apenas de legendas. Encontramos ainda 7 peças de vídeos concentradas em apenas duas publicações: R7_1 e R7_6. Na última, o vídeo é o recurso principal da publicação, hospedado na seção Record Play, não acompanha texto ou imagem e possui duração de 6 minutos e 25 segundos de comentários sobre as manifestações e serviços.

Já no site Jornalistas Livres, não observamos vídeos ou infográficos e apenas quatro das dez matérias analisadas apresentam imagens – incluindo *prints* ou capturas de tela. Importante destacar que as imagens complementam e ilustram as notícias, porém, apenas a fotografia do editorial tem os devidos créditos. Em contrapartida, o R7 credita suas fotografias e entre as agências identificadas nas legendas destacamos: Futura Press; Estadão Conteúdo; Código 19; Folhapress; Fotoarena; Reuters e Agência Brasil.





Análise de Conteúdo

Para a análise desta categoria, trabalhamos, sobretudo, alguns conceitos e classificações de gêneros e fontes jornalísticas. Como embasamento teórico sobre os gêneros

jornalísticos, utilizamos a proposta de Manuel Chaparro (1998), que contrapõe a classificação dicotômica de Marques de Melo (1994) sobre os gêneros informativo e opinativo[6].

> Qualquer leitura de jornal ou revista de grande circulação deixa evidente que as fronteiras entre opinião e informação são destruídas pela inevitabilidade da valoração jornalística, por sua vez influenciada pela interferência interessada dos vários sujeitos do processo, tanto no relato quanto no comentário da actualidade (CHAPARRO, 1998, p.110).

Partindo do entendimento de que toda informação, independentemente do gênero, é permeada por opinião, seja ela do jornalista ou do veículo de comunicação em que ele se insere, as categorias informação e opinião perdem a eficácia, pois há opinião em todas as decisões e em cada momento de atribuição de valor aos fatos e às coisas.

Chaparro defende que as ações jornalísticas são apenas duas, a de relatar a atualidade e a de comentar a atualidade (1998, p.122). Dessa forma, ele classifica o jornalismo em dois gêneros: gênero comentário e gênero relato.

O gênero comentário é classificado em duas espécies: espécies argumentativas (artigo, crônica, cartas e colunas) e espécies gráfico-artísticas (caricatura e charge). E o gênero relato é classificado também em duas espécies: espécies narrativas (reportagem, notícia, entrevista e coluna) e espécies práticas (roteiros, indicadores, agendamentos, previsão de tempo, cartas-consulta, orientações úteis).

Para tratar das fontes jornalísticas, recorremos a Nilson Lage (2003, p.63) para classificar as principais fontes (oficiais, oficiosas e independentes) utilizadas nas publicações e percebemos durante a elaboração das fichas de análise, a necessidade de acrescentar as agências de notícias como nova categoria. Ademais, na análise do corpus, localizamos ainda uma quinta fonte que, dada a crescente inserção de pautas oriundas das redes sociais na grande mídia, vem se destacando nos noticiários: o usuário/internauta.

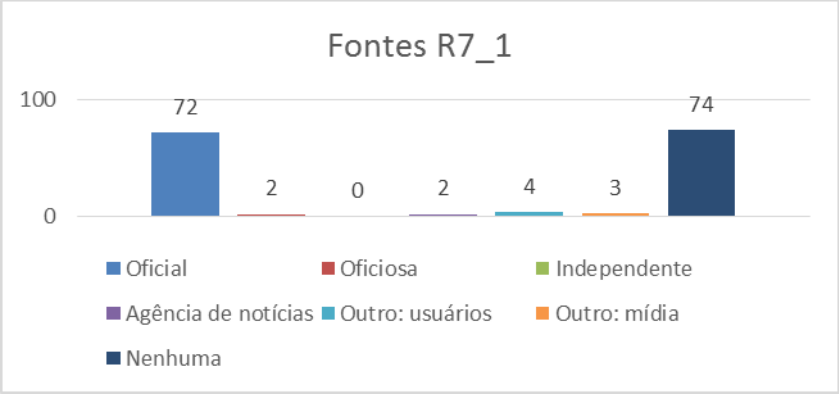
Uma vez definido o posicionamento teórico para tratar dos dois assuntos, definimos uma ficha de análise que nos permite investigar mais precisamente o tratamento dado ao texto desde sua apuração até o momento da edição.

Das publicações analisadas no portal R7, identificamos três reportagens, duas notícias, uma coluna, uma enquete e uma linha do tempo (R7_1). O gênero “linha do tempo” foi proposto por nós, uma vez que o formato empregado na publicação não se aplicava a

[6] Em livro organizado em 2010, José Marques de Melo faz uma reformulação sobre o tema e classifica o jornalismo em cinco gêneros: informativo, opinativo, interpretativo, utilitário e diversional.

nenhuma das opções presentes na ficha de análise a partir da classificação de Chaparro. O extenso texto da publicação R7_1 faz uma atualização do evento com notas em ordem cronológica.

De acordo com essa proposta, observamos que a presença de fontes oficiais durante a cobertura da greve no portal R7 foi inexpressiva – apenas duas publicações apresentam fontes oficiais: R7_1 e R7_3 –, o que pode comprometer, segundo Lage, a credibilidade da notícia na grande mídia. No entanto, na publicação R7_1, que narra os fatos a partir de uma linha do tempo com 157 marcações de hora (entre 5:38h e 20:40h) com atualizações sobre as manifestações e serviços em algumas capitais do país, identificamos a presença de 29 fontes oficiais consultadas, contabilizando 72 menções aos referidos órgãos.



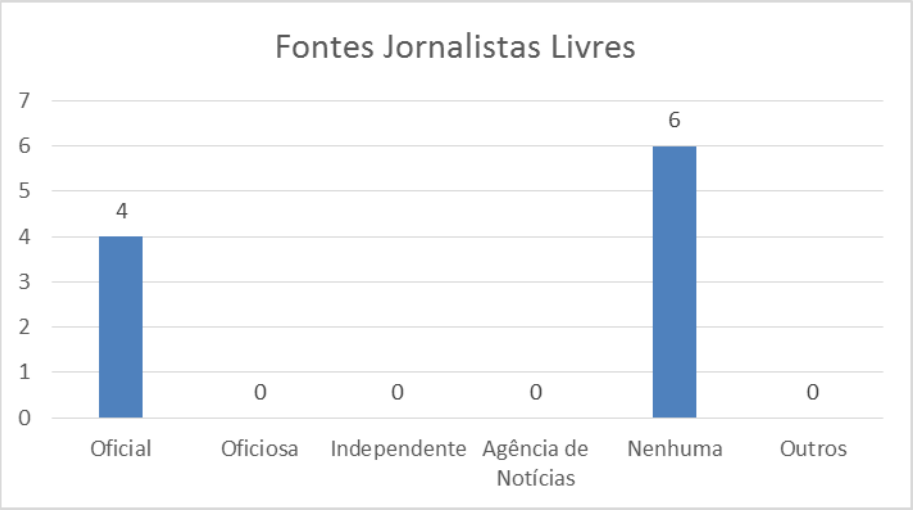
Lista das fontes oficiais consultadas na publicação R7_1:

Aeroporto de Congonhas	CPTM	Polícia Rodoviária Federal
Aeroporto de Guarulhos	CUT	Presidente Michel Temer
Associação Nacional dos Magistrados	EMTU – SP	Secretaria de Educação de São Paulo
BH Trans	Frente Brasil Popular	Secretaria de Segurança do DF
BRT Rio	Metrô de São Paulo (perfil no twitter)	Secretaria Municipal de Saúde de São Paulo
CCR Novadutra	MTST	Secretaria Municipal de Transporte de São Paulo
CET São Paulo	Operações Rio[7]	Sindicato dos Bancários de São Paulo

[7] A publicação não informou o nome da concessionária.

Concessionária da ponte Rio-Niterói[8]	Petrobras	SPTrans
Concessionária de metrô do RJ[9]	Polícia Civil de São Paulo	Superintendência de Trânsito de Salvador
Corpo de Bombeiros de SP	Polícia Militar de São Paulo	-

Na cobertura feita pelo site Jornalistas Livres, encontramos 3 notícias, 3 artigos, 3 reportagens e 1 coluna. A maioria (8 de 10) teve como foco as manifestações, mas também foi possível observar análises sobre papel da mídia, análises políticas e sobre as personalidades do poder e uma reportagem que recorda a greve geral de cem anos atrás. Frisamos ainda que poucas matérias apresentaram fontes (apenas quatro de dez), porém, com preponderâncias das oficiais – entidades representativas.



Considerações Finais

Considerando que os dois veículos analisados têm origem no cibermeio e, portanto, já nasceram configurados para este fim, surpreende o baixo aproveitamento dos recursos de interatividade, hipertextualidade e multimidialidade e a repetição de algumas práticas características da mídia tradicional, sobretudo na mídia alternativa. Apesar das numerosas possibilidades de interação com o usuário no ambiente digital, pouco é oferecido pelos dois

[8] A publicação não informou o nome da concessionária.
[9] Descrição do perfil no twitter: O Centro de Operações da Prefeitura é responsável pelo monitoramento, integração e operação da cidade com o objetivo de tornar o Rio mais resiliente.

veículos: consideramos grave a ausência de fóruns e comentários e, ainda, a impossibilidade de registro de feeds.

Nas pesquisas sobre novas práticas de jornalismo, costuma-se exaltar também a possibilidade de participação do usuário na produção da notícia, porém, destacou-se nesta pesquisa, que o veículo de mídia alternativa ora estudado não apresenta canais para envio de material pelo usuário, diferentemente do veículo da grande mídia que permite o envio de vídeos, embora devamos destacar que nossa ferramenta não contemplou a investigação do aproveitamento desse material pelo portal.

A apuração dos fatos para a produção das notícias na grande mídia mostrou-se inadequada devido à inexpressiva consulta a fontes pró-manifestação. O mesmo erro repetiu a mídia alternativa que pouco consultou as fontes oficiais. Além disso, a presença de anúncios do governo federal no portal R7 em publicações como a da greve geral, em que estão envolvidos conteúdos ideológicos diretamente conflituosos, torna questionável a credibilidade do material.

Em termos comparativos temos, de um lado, o portal R7 com maior inovação em gênero e forma, aproveitando melhor os recursos de multimidialidade, apesar das limitações já apresentadas; e do outro, o site Jornalistas Livres com maior foco em conteúdo (texto), apesar das críticas já feitas à apuração. Concluímos assim, que ambos os veículos ainda podem aperfeiçoar largamente suas práticas no ambiente digital para melhorar a experiência do usuário e a qualidade das notícias que circulam nesse espaço de tantas opções.

Referências bibliográficas

ASSIS, Francisco; MARQUES DE MELO, José (Orgs.). **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: UMESP, 2010.

BARBOSA, Suzana; MIELNICZUK, Luciana. Ferramentas para análise de hipertextualidade em cibermeios. In: PALACIOS, Marcos (org). **Ferramentas para análise de qualidade em ciberjornalismo**. 1 v. Covilhã: LabCom, 2011. p. 37-50.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1977.

CANAVILHAS, João. **Do gatekeeping ao gatewatcher**: o papel das redes sociais no ecossistema mediático. Disponível em http://campus.usal.es/~comunicacion3punto0/comunicaciones/061.pdf. Acesso em 29 mar 2017.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Sotaques d´aquém e d´além mar**: percursos e gêneros do jornalismo português e brasileiro. Satarem: Jortejo, 1998.

COMERCIAL. **Record TV**. São Paulo, 8 ago. 2016. Disponível em: <http://comercial.recordtv.com.br/files/2016/08/Apresenta%C3%A7%C3%A3o_RECORD_08_08_16.pdf>. Acesso em: 21 jun 2017.

LAGE, Nilson. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. 3 ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

MALINI, Fábio. **Modelos de colaboração nos meios sociais da internet**: uma análise a partir dos portais de jornalismo participativo. Disponível em: http://portcom.intercom.org.br/navegacaoDetalhe.php?id=35526. Acesso em 09 mai 2017.

MARQUES DE MELO, José. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1994.

PALACIOS, Marcos (Org.). **Ferramentas para análise de qualidade no ciberjornalismo**. vol. 1. Labcom, 2011.

PERUZZO, Cicilia M.K. Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados no setor[1]. **Eco-Pós**: publicação da pós-graduação em Comunicação e Cultura, Rio de Janeiro, UFRJ, n.2, v.12, p.46-61, mai.2009.

SALAVERRÍA, Rámon. Multimedialidade: Informar para cinco sentidos. In: CANAVILHAS, João (Org**.). Webjornalismo**: 7 características que marcam a diferença. Covilhã: LabCom, 2014. p. 25-51.

SOMOS os jornalistas livre. Jornalistas Livres, [São Paulo], s.d. Disponível em < https://jornalistaslivres.org/quem-somos/>. Acesso em 19 jun 2017.